

as perspectivas da guerra fria

Na semana passada, tivemos a oportunidade de examinar aqui as posições ocupadas pelos blocos socialista e capitalista na competição econômica em que se encontram engajados. Nosso propósito, hoje, é o de determinar as possibilidades e as limitações que deverão caracterizar sua evolução, nos próximos vinte anos, e as conseqüências que daí advirão para os países subdesenvolvidos, notadamente para a América Latina.

superioridade ocidental

Abandonando a perspectiva histórica que vihamos seguindo e analisando os dados brutos que a realidade oferece, veremos que a balança pende para o lado ocidental. Os Estados Unidos conservam ainda, com larga margem de distância, o primeiro lugar no que diz respeito à renda per capita — 2.433 dólares em 1957, contra uma média de 818 para os países do Mercado Comum Europeu, 862 para a União Soviética, 1.021 para o Reino Unido e somente 57 dólares para a China (uma das mais baixas do mundo).

Da mesma maneira, cabe aos Estados Unidos a primazia no que se refere ao produto nacional bruto (a diferença entre este e a renda nacional é de aproximadamente 20%, percentagem correspondente à depreciação do capital e dos impostos indiretos): 434 bilhões de dólares em 1957. Seguem-se a União Soviética com 175, o Mercado Comum Europeu com 134 e o Reino Unido com 51 bilhões. A China, apesar de sua imensa população não possua mais que 36 bilhões de dólares em 1956.

O volume do produto nacional bruto (e conseqüentemente da renda nacional e per capita) é, entretanto, função do montante de investimentos realizados pela economia nos períodos anteriores. Como se apresenta a situação desse ponto de vista?

a questão dos investimentos

Até data recente, os Estados Unidos eram o país que realizava maior soma de inversões. Em 1957, o total dos investimentos norte-americanos alcançaram a soma de 63 bilhões de dólares, mas a União Soviética ameaçava essa posição com 61 bilhões. Em 1958, esta ultrapassava, em números absolutos, os montantes norte-americanos, invertendo soma da ordem de 67 bilhões de dólares, contra 64 dos Estados Unidos.

Esse esforço é uma constante das democracias populares, e pode ser alcançado pela maior margem manobra de que dispõem no que se refere ao controle estatal e a compressão do consumo. São, aliás, esses fatores que explicam o ritmo mais acelerado de progresso que tais países ostentam, quando comparados com os do bloco ocidental. A taxa de crescimento ali verificada varia, com efeito, entre 8 e 10% no ano, enquanto, normalmente, não ultrapassa 5% nos países capitalistas, variando mesmo nos Estados Unidos entre 2 e 3%.

É lícito afirmar que estamos aí em presença de uma tendência durável, pouco suscetível de ser modificada nos anos por vir? A melhor resposta nos é dada pela emulação que reina no mundo socialista, a China se dando por meta imediata o atingimento do nível de produção inglês, a Rússia fixando o ano de 1970 como a data em que ultrapassará os Estados Unidos no plano econômico.

plano setenal

Pela sua importância o desafio soviético merece que nos detenhamos um pouco aqui. Foi no decorrer do 21º Congresso do Partido Comunista da União Soviética que Khrushchev anunciou que, realizado o plano setenal, a produção industrial por habitante da Rússia ultrapassaria o nível atual dos países capitalistas europeus mais adiantados e se aproximaria, no que diz respeito à produção absoluta em alguns setores-chave, do nível presente dos Estados Unidos, enquanto que a produção agrícola per capita ultrapassaria o nível americano de hoje; em 1970, o nível americano per capita seria atingido na indústria.

O plano setenal, que entrou em execução antes do término do último plano quinquenal, cobre o período de 1958 a 1964. O objetivo fixado para a indústria é um aumento de 80%, devendo a de bens de produção aumentar de 85% e a de consumo de 60 a 65%. A produção global da indústria ligeira deverá crescer de 50%; a indústria alimentícia de 70%, enquanto a produção agrícola deverá ser acrescida de 70%. O aumento da produtividade do trabalho deverá ser de 40 a 50% na indústria e de 100% na agricultura kolkoziana.

reportagem de rui mauro marini

O plano prevê, além disso, um acréscimo de 62 a 65% da renda individual, a construção de 15 milhões de apartamentos, a redução do dia de trabalho (sendo posta em execução, até 1962, a semana de quarenta horas e, até 1964, a semana de 35 a 30 horas).

1980

O ceticismo que acolheu as ambições soviéticas nos círculos mais informados do Ocidente cede, atualmente, lugar à expectativa de sua realização. Os resultados obtidos pela programação, no passado, justificam, sem dúvida, essa atitude; mais ainda, porém, os que foram obtidos em 1959, bem como as informações divulgadas pelo Partido, em junho do mesmo ano. Por outro lado, a estagnação relativa da economia americana — que apresenta uma das taxas de crescimento mais baixas do mundo — faz crer que existem poucas possibilidades de os Estados Unidos virem a constituir obstáculo sério às pretensões soviéticas.

Assim é que previsões que não são das mais otimistas admitem que o produto nacional bruto da União Soviética atinja, em 1980, o nível de 1.567 bilhões de dólares, o que representará uma renda per capita de 5.612 dólares. No mesmo ano, o produto nacional bruto norte-americano será inferior a 1 trilhão de dólares (958 bilhões aos preços de 1957), enquanto o dos países do Mercado Comum ficará pelos 275 bilhões, o do Reino Unido pelos 83. A renda per capita será, nos Estados Unidos de 3.812 dólares; no Mercado Comum de 1.513; no Reino Unido, de 1.980 dólares. Cabe notar, em 1980, o produto nacional bruto previsto para a China é de 284 bilhões de dólares, sendo a renda per capita de 282 dólares (com um total de investimentos de 106 bilhões de dólares, ou seja 60% a mais do que o investimento norte-americano atual).

A situação que essa inversão de posições criará não interessa somente aos países diretamente envolvidos na competição, mas também, e de modo especial, aos que ainda se encontram na faixa do subdesenvolvimento. Não há dúvida, de resto, que o desafio soviético encerra uma intenção demagógica evidente e constitui, em grande parte, uma arma de propaganda voltada para o terceiro mundo. Trata-se aí de provar as virtudes do sistema socialista e de estendê-lo aos países aos quais o capitalismo não trouxe até agora vantagens palpáveis.

ofensiva soviética

Essa atitude russa é, aliás, sensível em outros terrenos, embora se encontre sempre relacionada com a solução dos problemas econômicos das nações proletárias. A assistência técnica e financeira proporcionada pelos soviéticos, direta ou indiretamente (por meio dos chamados «satélites»), passou de zero, em 1954, a 1,6 bilhões de dólares, em fins de 1957, correspondendo então a 50% da que era fornecida pelos Estados Unidos.

A ajuda soviética oferece, entretanto, vantagens consideráveis, na medida em que não se destina a fins militares (o que ocorre com quase dois terços da ajuda americana) e reveste a forma de empréstimos a longo prazo e a juros baixos, pagáveis em moeda e excedentes da produção nacionais. A sua realização mais notável até agora é o financiamento da barragem de Assuan, no Egito, o qual, recusado pelos Ocidentais, esteve na origem da crise de Suez.

Também no domínio comercial, o bloco soviético desfechou uma ofensiva cujos resultados já se fazem sentir. Os mais evidentes são os que dizem respeito aos petróleo, e o que se passou, recentemente, em Cuba constitui disso um bom exemplo.

De todos os modos, portanto, e em diversas frentes, o bloco soviético se esforça atualmente por desintegrar o mundo capitalista. A fase em que essa luta permitia temer-se uma nova conflagração mundial parece ultrapassada. É essencialmente no domínio econômico que ela se desenvolve, em nossos dias, e a adesão do terceiro mundo, de que os países de Bandung constituem a vanguarda, é peça fundamental do esquema.

desenvolvimentismo e imperialismo

A vanguarda ocidental vem tomando, gradativamente, e às vezes de maneira dramática, consciência disso. O problema do subdesenvolvimento coloca-se cada vez mais no centro de suas preocupações, exigindo solução rápida, se é que o mundo capitalista não pretende assistir de braços cruzados a sua própria liquidação.

O fato de o subdesenvolvimento ter sido engendrado pelo capitalismo, em sua fase de expansão colonialista, constitui, sem dúvida, vantagem para os ocidentais, quando mais não fosse pelos rancores que nutrem os povos subdesenvolvidos por suas antigas metrópoles. Mais grave do que isso, porém, é o fato de o capitalismo conservar-se em contradição com a aspiração progressista das nações proletárias.

É necessário, contudo, admitir que, em sua fase imperialista, o capitalismo torna possível uma certa modificação do quadro em benefício dos povos colonizados. A saturação dos mercados internos metropolitanos engendra a exportação de capitais, que se vão aplicar, nos países subdesenvolvidos, a atividades industriais, tornadas mais rentáveis pela proximidade das fontes de matérias primas e pela mão-de-obra barata. Surge, assim, para o terceiro mundo a possibilidade de promover um certo desenvolvimento econômico, em harmonia com os interesses imperialistas.

mundo em crise

A margem de manobra que se oferece, entretanto, aos países subdesenvolvidos choca-se com limites rigidamente definidos, que se convertem, de pronto, em pontos de discórdia entre as duas partes. O primeiro resulta da constatação de que, levado a suas últimas conseqüências, o desenvolvimento econômico ameaça gravemente a dominação imperialista. Efetivamente, enquanto se mantém no terreno dos bens de consumo, a industrialização é compatível com os interesses das grandes potências. Do momento que passa, porém, aos bens de produção, cria condições para uma real autonomia econômica e tem que ser neutralizada por injeções maciças de capital estrangeiro nesse setor, a fim de manter a economia sob comando externo.

Para isso, entretanto, encontra o mundo capitalista sérias dificuldades, que se resumem na falta de recursos disponíveis para promover tais injeções. Os Estados Unidos lutam contra a depressão econômica, e não podem fazer frente a essa tarefa, que a rápida evolução do terceiro mundo torna urgente. As ex-metrópoles européias, às voltas com os problemas surgidos em seus antigos impérios, são forçadas a, isoladamente, dedicar a estes o melhor de sua atenção e não podem participar de uma ação mundial em larga escala. A Alemanha Ocidental, que por sua prosperidade, seria a mais indicada para comandar essa operação, vê-se presa a seus compromissos do Mercado Comum (que dão prioridade ao auxílio às ex-colônias belgas e francesas) e realiza enormes gastos com armamentos, em função de seu conflito latente com a Alemanha Oriental.

Ora, não se trata aí de uma situação transitória, mas, dado o baixo índice de crescimento econômico dos países ocidentais, de uma tendência que ameaça acentuar-se. Na medida, com efeito em que o bloco socialista estabeleceu sua superioridade econômica sobre os países capitalistas, a questão da ajuda aos povos desenvolvidos tende a deslocar-se para seu campo, cabendo-lhe o principal das iniciativas.

conclusão

A incapacidade do mundo capitalista para fornecer-lhes a ajuda que reclamam, a competição triunfante que leva a cabo, neste terreno, o bloco soviético, o fascínio que a eficiência da planificação socialista exerce sobre eles — tudo isso influi nos países subdesenvolvidos no sentido de desviá-los da órbita ocidental. Isso é ainda agravado pelas provas que a história vem dando de que somente a implantação do socialismo representa obstáculo real à dominação imperialista.

Tal situação é sobremaneira visível na América Latina, já que esta não apenas encontra-se em inteira dependência dos Estados Unidos — justamente aquele país capitalista que mais dificuldades enfrenta, no momento, para responder ao desafio do terceiro mundo —, mas também porque, aqui, o processo atinge, com a revolução cubana, sua fase de radicalização consciente. O que nos leva a crer que, a prazo mais ou menos curto, o cordão sanitário que os Estados Unidos estabelecem em torno de Havana, a fim de evitar qualquer contaminação, deverá romper-se.

O rompimento não se fará, porém, pelo retorno à situação anterior, e sim pela inclusão de Cuba num movimento renovador de amplitude continental, do qual ela terá sido a vanguarda. Como se afirmou, até agora, da África, pode-se, hoje, dizer, sem medo de errar, que a América Latina marcha para o socialismo.